

Claudia Santana Martins

Universidade de São Paulo - USP

clam@usp.br

A 'EPOPEIA DO COMÉRCIO'

Os lusíadas no Império Britânico do Século XVIII

RESUMO

Este artigo discute, à luz dos conceitos de reescrita, manipulação literária e patronagem de André Lefevere, alguns aspectos da tradução de *Os lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, feita pelo poeta escocês William Julius Mickle. Essa tradução, publicada na Inglaterra em 1776, alcançou uma popularidade jamais igualada por outras traduções de *Os lusíadas* para o inglês. Pretende-se mostrar, pela exposição de alguns dados referentes à situação em que essa tradução foi realizada e por meio de alguns exemplos comparando o original e a tradução, que as profundas transformações (acréscimos, omissões, adaptações etc.) efetuadas por Mickle em relação ao original se articulam às condições históricas, sociais e econômicas de produção dessa tradução, assim como às normas culturais da época, uma fase de transição entre o Neoclassicismo augustano e o Romantismo. Mickle adaptou *Os lusíadas* para o público britânico do final do século XVIII, acrescentando paratextos de cunho ideológico, rotulando a epopeia camoniana como "A Epopeia do Comércio" e manipulando o poema original tanto no aspecto poético quanto ideológico. Dessa forma, Mickle transformou *Os lusíadas* em uma narrativa a serviço do Império Britânico.

Palavras-Chave: Luís Vaz de Camões; estudos da tradução; André Lefevere; *Os Lusíadas*; William Julius Mickle.

ABSTRACT

This paper discusses, in the light of André Lefevere's concepts of rewriting, literary manipulation and patronage, some aspects of the Scottish poet William Julius Mickle's translation of *Os lusíadas* by Luís Vaz de Camões. This translation, published in England in 1776, reached a popularity never matched by any other translation of *Os lusíadas* into English. It is our purpose to show, by presenting data regarding the context which surrounded the making of this translation and also by offering a few examples of comparisons between the translation and the original, that the profound changes (additions, omissions, adaptations etc.) introduced by Mickle are connected to the historical, social and economic conditions of production of his translation, as well as to the cultural norms of his time, a transitional period between the Augustan Neoclassicism and Romanticism. Mickle adapted *Os lusíadas* for the late eighteenth-century British audience, adding paratexts with ideological implications, labeling Camões's epic as "The Epic Poem of Commerce", and manipulating the original poem both poetically and ideologically. Thus Mickle transformed *Os lusíadas* into a narrative at the service of the British Empire.

Keywords: Luís Vaz de Camões; translation studies; André Lefevere; *Os lusíadas*; William Julius Mickle.

Ananguera Educacional Ltda.

Correspondência/Contato
Alameda Maria Tereza, 4266
Valinhos, São Paulo
CEP 13.278-181
rc.ipade@ananguera.com

Coordenação
Instituto de Pesquisas Aplicadas e
Desenvolvimento Educacional - IPADE

Artigo Original
Recebido em: 03/10/2013
Avaliado em: 16/10/2013

Publicação: 17 de dezembro de 2013

1. INTRODUÇÃO

Os lusíadas de Luís Vaz de Camões ultrapassam, em termos de importância cultural, social e histórica, os limites de seu tempo e local de criação. A grande epopeia nacional portuguesa apresenta, em vários aspectos, um alcance universal. Para os brasileiros, *Os lusíadas* são, além de uma obra-prima e uma das matrizes fundadoras da língua portuguesa, uma narrativa da história das navegações portuguesas – que levaram, entre outras conquistas, ao “descobrimento” do Brasil por Portugal. Ainda que essa narrativa não seja documental, e sim poética e retórica, ela nos fornece um acervo imenso de informações sobre aquele momento histórico.

O poeta escocês William Julius Mickle não foi o primeiro a traduzir *Os lusíadas* para o inglês; essa primazia coube a Sir Richard Fanshawe, em 1655. A tradução de Fanshawe, contudo, foi lida apenas entre um grupo muito restrito de intelectuais, caindo depois no esquecimento. Publicada em Londres em 1776, a tradução de Mickle, a segunda para a língua inglesa, alcançou uma repercussão muito maior, sendo, até hoje, a mais lida e citada de todas as traduções da obra para o inglês¹ (FERREIRA, 1992a, p. 64-65; 1992b, p. 70).

As transformações de fundo (acréscimos, omissões, adaptações etc.) operadas em *Os lusíadas* de Camões pela tradução de Mickle estão relacionadas às condições históricas, sociais e econômicas de sua produção, assim como aos papéis atribuídos à atividade tradutória na cultura de sua época.

Mickle conseguiu transformar sua tradução em um sucesso de vendas: os mil exemplares da primeira edição foram rapidamente vendidos e uma segunda edição foi publicada dois anos depois. Ao todo, essas duas edições lhe renderam cerca de mil libras, uma quantia razoável na época. Além disso, nove edições dessa tradução foram publicadas em pouco mais de um século desde a primeira publicação, o que atesta a sua popularidade. É a tradução para o inglês de *Os lusíadas* mais lida até hoje, quando, mesmo sendo distribuída gratuitamente na Internet, ainda é vendida em grandes livrarias de língua inglesa (FERREIRA, 1992a, p. 65; 1992b, p. 70; ESTORNINHO, 1960, p. 153).

Este trabalho – que constitui uma pequena parte de nossa tese de doutorado, ainda em fase de elaboração – examina certos aspectos da tradução de Mickle à luz dos conceitos de reescritura, manipulação e patronagem de André Lefevere, incluindo exemplos comparativos entre o original de *Os lusíadas* e a tradução de Mickle. Alguns

¹ Existem onze traduções completas de *Os lusíadas* para o inglês.

tópicos desse trabalho já foram apresentados no encontro “E por falar em tradução 2”, no IEL-UNICAMP, em 2012.

2. REESCRITURA E MANIPULAÇÃO

O enfoque de Lefevere foi o escolhido para o estudo aqui empreendido por permitir uma ampla análise das relações dessa tradução com o contexto não apenas cultural, mas também sócio-histórico-político-econômico de sua produção. O método de Lefevere (2007, p. 12) possibilita o estudo tanto dos aspectos positivos quanto negativos das reescrituras:

Reescritura é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade. Reescrituras podem introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos artifícios, e a história da tradução é igualmente a história da inovação literária, do poder formador de uma cultura sobre outra. Mas a reescritura pode reprimir a inovação, distorcer e conter, e, em uma era de crescente manipulação de todos os tipos, o estudo dos processos de manipulação da literatura, exemplificado pela tradução, poderá nos ajudar a nos tornarmos mais atentos ao mundo em que vivemos.

Os fatores indicados por Lefevere como fundamentais para a análise de uma reescritura são aqueles que exercem algum tipo de coação sobre o tradutor. Segundo Bassnett e Lefevere (1992, p. vii-viii), a tradução, como toda reescritura, reflete certa ideologia e certa poética, sendo, como tal, manipulação exercida a serviço do poder.

Os lusíadas foram publicados em 1572, no início da decadência do Império Português, mas narram a viagem à Índia de Vasco da Gama, o apogeu da expansão marítima portuguesa. A tradução de Mickle foi publicada em 1776, em um período em que o Império Britânico estava em plena ascensão. Mickle integrou a epopeia de Camões à conjuntura sócio-histórico-político-econômica da Inglaterra do século XVIII – herdeira, ironicamente, da riqueza propiciada pela expansão marítima portuguesa do século XVI. Transpor os ideais portugueses de expansão ultramarina para a Grã-Bretanha de seu tempo não era, nesse contexto, tarefa difícil.

Apesar dessa relativa facilidade, Mickle não quis deixar nada ao acaso: com muita habilidade, montou um verdadeiro “pacote” para garantir a “correta” interpretação de sua tradução, rotulando o poema de Camões como “Epopéia do Comércio” (“Epic Poem of Commerce”) e acrescentando à tradução diversos elementos paratextuais: uma longa introdução (167 páginas na primeira edição; 236 na segunda), contendo uma refutação da tese do “bom selvagem” e defesa da expansão ultramarina; uma história do descobrimento da Índia; uma história da ascensão e queda do Império Português no Oriente (que foi ampliada na segunda edição para defender a manutenção do monopólio da Companhia das Índias Orientais, que estava sob o ataque de vários autores, principalmente Adam Smith); uma biografia encomiástica de Camões; uma dissertação

sobre *Os lusíadas* e a poesia épica; uma dissertação sobre a ficção da Ilha dos Amores; um ensaio sobre o bramanismo (acrescentado na segunda edição) e cerca de setecentas notas explicativas, algumas bastante longas (FERREIRA, 1992b, p. 80; TAYLOR, 1937, p. 185). Todos esses elementos paratextuais se agregam à tradução para garantir que esta seja devidamente valorizada e compreendida nos moldes definidos pelo tradutor.

Além disso – mais uma vez, em consonância com o teorizado por Lefevere –, Mickle adaptou *Os lusíadas* também às normas culturais da época, uma fase de transição entre o Neoclassicismo da época augustana e o Romantismo, quando, embora a influência clássica ainda estivesse presente, diversos elementos chamados por alguns estudiosos de “pré-românticos” começavam a se evidenciar.

Nos séculos XVII e XVIII, na Europa (em especial na França, com D’Ablancourt), a teoria de tradução, ainda influenciada por elementos da retórica clássica, propiciava aos tradutores ampla liberdade para introduzir alterações em relação ao original. Os tradutores se sentiam autorizados a “aperfeiçoar” o original por meio de omissões, acréscimos e outros tipos de alterações.

A tradução de Mickle segue essa tendência. São raros os momentos em que Mickle traduz literalmente; a paráfrase predomina. Embora seja difícil – principalmente quando se analisam obras compostas antes do século XIX – fixar os limites entre tradução, paráfrase e imitação, há várias passagens em que Mickle vai além do que poderíamos considerar uma paráfrase, imprimindo ao seu trabalho uma marca absolutamente pessoal, autoral. Não é de se estranhar que isso aconteça, considerando as normas da época, que Mickle não apenas seguiu – as traduções de Virgílio e Homero efetuadas por Dryden e Pope foram, confessadamente, os seus principais modelos – como defendeu abertamente na Introdução à sua tradução de *Os lusíadas*:

Apenas os sentimentos do tradutor devem orientá-lo, pois o espírito da poesia certamente evapora na tradução literal.

De fato, a tradução literal de poesia é um solecismo. [...] A sua tradução literal não pode ter nenhuma pretensão às habilidades de expressão do original; à energia, elegância e ardor da poesia original. Pode ter, de fato, uma semelhança; mas uma semelhança como a que o cadáver no sepulcro tem para com o homem de outrora, quando ainda no fulgor e vigor da vida.

Nec verbum verbo curabis reddere, fidus

Interpres,

era o gosto da era de Augusto. Ninguém além de um poeta pode traduzir um poeta. A liberdade advinda desse preceito irá, portanto, nas mãos de um poeta, não apenas instilar a energia, elegância e ardor da poesia de seu autor em sua própria versão, mas também lhe dar o espírito de um original.² (MICKLE, 1776, p. cxlix-cl. tradução nossa)

² “The translator’s feelings alone must direct him, for the spirit of poetry is sure to evaporate in literal translation. Indeed, literal translation of poetry is a solecism. [...] Your literal translation can have no claim to the original felicities of expression; the energy, elegance, and fire of the original poetry. It may bear, indeed, a resemblance; but such a one as a corpse in the sepulchre bears to the former man when he moved in the bloom and vigor of life.
Nec verbum verbo curabis reddere, fidus

As recomendações de Mickle repetem vários bordões da época sobre a tradução: a prosopopeia segundo a qual, na tradução, o tradutor faz o autor morto ressuscitar e falar uma nova língua (cf. HAYES, 2009, p. 57-60); a “evaporação do espírito” da poesia do original na tradução; a condenação das traduções literais; a metáfora da tradução literal como cadáver; a citação do *Nec verbum verbo* de Horácio; a ideia de que somente um poeta pode traduzir um poeta; e o princípio de que é preciso infundir um novo espírito à poesia traduzida de modo que ela se pareça com uma obra original.

Foi essa a receita – que poderíamos considerar uma estratégia de fluência, nos termos de Lawrence Venuti (1995) – que Mickle procurou seguir na tradução de *Os lusíadas*. A fluência da tradução de Mickle é um dos fatores de sua popularidade entre os leitores de língua inglesa. De acordo com George West (1934, p. 389), as ideias de Mickle sobre tradução e exemplos de sua tradução de *Os lusíadas* se tornaram os principais assuntos de periódicos como o *The Gentleman’s Magazine* e o *Edinburgh Magazine and Review* até a publicação do livro de Alexander Tytler, *Essay on the Principles of Translation* (1791), que forneceu uma nova base para a discussão.

3. PATRONAGEM

Segundo Lefevere (1992, p. 14-15), existem dois fatores de controle sobre o sistema literário. O primeiro é interno, constituído pelos profissionais (críticos, resenhistas, professores, tradutores), que tendem a incentivar apenas as obras que sigam os padrões aceitos no sistema literário, desestimulando as demais, e às vezes reescrevendo as obras para adaptá-las a esses padrões. O segundo fator de controle é externo, formado pelos patronos, ou seja, “os poderes (pessoas, instituições) capazes de promover ou dificultar a leitura, escrita e reescrita da literatura”³. Na definição de Lefevere, a patronagem pode ser exercida por pessoas (mecenas como os Médici), ou grupos (religiosos, políticos, editoras, a imprensa etc.). A patronagem tenta regular a relação entre o sistema literário e os outros sistemas que compõem a cultura e a sociedade, e consiste basicamente em três elementos: ideológico (no sentido amplo, de uma rede de convenções e crenças que orienta nossas ações), econômico (o patrono contribui de alguma forma para o sustento do protegido) e de *status* (a patronagem pode implicar a integração em um grupo e a adoção de seu estilo de vida).

Interpres,

was the taste of the Augustan age. None but a poet can translate a poet. The freedom which this precept gives, will, therefore, in a poet’s hands, not only infuse the energy, elegance, and fire of his author’s poetry into his own version, but will give it also the spirit of an original.”

³ Nossa tradução para “[...] the powers (persons, institutions) that can further or hinder the reading, writing, and rewriting of literature”.

Todos esses aspectos são claramente visíveis na relação de Mickle com o sistema literário. Em 1762, após a falência da cervejaria que herdara do pai, Mickle se mudou para Londres para tentar o sucesso como poeta e escritor. Em Londres, nessa época, os patronos eram o caminho “natural” para um escritor ser bem-sucedido no sistema literário. Entre janeiro de 1763 e dezembro de 1765, no esforço de obter patrocínio, Mickle se correspondeu com Lord George Lyttelton (1709-1773), poeta e historiador do círculo de Alexander Pope, além de membro ilustre do parlamento e patrono de muitos poetas e escritores, entre os quais James Thomson e Henry Fielding. Apesar da insistência de Mickle, Lord Lyttelton limitou-se ao papel de tutor literário, fornecendo-lhe apenas orientações críticas, sem conceder-lhe nenhum auxílio significativo em termos financeiros ou de promoção de seu trabalho (IRELAND, 1794, p. xiii-xxxiv; TAYLOR, 1937, p. 8-14).

Na verdade – e aí talvez esteja uma falha do esquema de Lefevere, por não considerar a possibilidade de sobreposições – Lyttelton exercia um controle tanto interno quanto externo sobre o sistema literário, pois não atuava apenas como patrono (controle externo), mas também como mentor literário (controle interno), aconselhando seus patrocinados sobre como aperfeiçoarem seus textos ou poemas e até mesmo revisando-os. Apesar de Lyttelton não ter chegado a patrocinar nenhum trabalho de Mickle, a influência exercida pelo mentor em termos poéticos é percebida por estudiosos como Eustace Taylor (1937, p. 14), para quem, sob a influência de Lyttelton, que seguia normas literárias rigorosamente neoclássicas, a poesia de Mickle ganhou uma dicção mais nitidamente poética.

A patronagem de Lyttelton envolvia elementos ideológicos (recusou-se a revisar um poema de Mickle em homenagem a Mary Stuart, porque a considerava uma criminosa⁴), econômicos (benefícios dos quais Mickle, para seu pesar, não desfrutou) e de *status* (mesmo não tendo efetivamente o patrocínio de Lyttelton, Mickle com certeza se aproveitou do *status* que lhe dava o fato de ter o nobre como mentor literário, e provavelmente se aproximou de outros componentes do círculo de Lyttelton).

A duras penas, Mickle conseguiu publicar alguns poemas por conta própria, mesmo sem apoio financeiro de patronos, e alcançou alguma repercussão, embora não o suficiente para ter a sua sobrevivência garantida. O projeto de tradução de *Os Lusíadas* foi concebido exatamente com o propósito de obter novos recursos de sobrevivência. Uma obra de grande fôlego como essa, no entanto, exigiria algum tipo de patrocínio inicial. Mickle resolveu recorrer a uma lista de assinaturas, um procedimento que se tornara

⁴ Em carta reproduzida por Ireland (1794, p. xxi), Lyttelton escreve a Mickle: “Poetry should not consecrate what history must condemn”. (“A poesia não deve consagrar aquilo que a história deve condenar.”)

comum na primeira metade do século – Alexander Pope ganhara muito dinheiro com as traduções de Homero exatamente por meio desse tipo de lista –, mas que na época de Mickle já não era mais tão usual.⁵ Na ampla definição de Lefevere (1992), a publicação por meio de listas de assinantes continua sendo patronagem, pois permanece a influência exercida por pessoas ou instituições sobre o sistema literário (e, no caso, sobre o tradutor).

Na lista de assinantes do *Lusiad* de Mickle constam quase seiscentos nomes – pessoas influentes do mundo político e religioso, como Lord Clive, Lord Winchelsea, Sir James Johnstone, os bispos de Oxford, Peterborough e de St. Asaph's, assim como diversos intelectuais, como o célebre Samuel Johnson, James Boswell, Oliver Goldsmith, John Hoole, Hugh Blair e até mesmo o filósofo David Hume, desafeto de Mickle (FERREIRA, 1992a, p. 65; TAYLOR, 1937, p. 17-21). Sem o auxílio de alguns desses patronos, como Robert Tomkins, que hospedou Mickle em sua casa em Forest Hill entre 1772 e 1775, e o Comodoro George Johnstone, que era primo de Mickle e sempre procurou ajudá-lo, a tradução de *Os lusíadas* teria sido impossível. A influência da patronagem sobre essa tradução vai muito além, no entanto. Como observou West (1934, p. 388, tradução nossa):

Mas precisamos sempre ter em mente que Mickle foi assistido, e generosamente assistido, por vários membros do círculo Johnsoniano, as faculdades de Oxford, a Companhia das Índias Orientais e a colônia portuguesa em Londres. Hoole, Boswell, Goldsmith e o próprio Johnson contribuíram para o trabalho de um jeito ou de outro. Crowe forneceu muitas das notas; Magalhães, documentos oficiais e informações referentes à história de Portugal. *In toto*, o *Lusiad* de Mickle foi a síntese inconsciente de toda uma geração tanto quanto a tese erudita de um indivíduo.⁶

Um ponto importante a se observar é que, em sua longa introdução à tradução, Mickle faz a defesa do trabalho realizado pela Companhia das Índias Orientais.⁷ O Comodoro Johnstone, benfeitor de Mickle, participava ativamente dos debates sobre as políticas da Companhia das Índias Orientais, da qual chegou a ser diretor. No final da introdução, Mickle (1776, p. cliii) agradece aos patrocinadores e assinantes e menciona com especial destaque os “cavalheiros da Companhia das Índias Orientais”:

Aos cavalheiros da Companhia das Índias Orientais que são seus assinantes, o tradutor oferece seu especial agradecimento; e com prazer ele lhes assegura que o seu desejo de

⁵ No levantamento realizado por Sher (2006, p. 225-228), entre 360 livros publicados em primeira edição por autores escoceses na Inglaterra e na Escócia entre 1746 e 1800 apenas sete (inclusive o *Lusiad* e o *Poems, and a Tragedy*, póstumo, de Mickle) foram publicados no esquema tradicional de assinaturas, somando 2% do total. Outros 11 livros foram publicados parcialmente por assinatura, mas sem que a lista de assinantes fosse publicada no início do livro (são publicações que, por várias razões, não obedecem ao esquema tradicional de listas de assinantes). Mesmo somando-se esses 11 livros, obtendo um total de 18, o total de livros publicados por assinatura chegaria a apenas 5%.

⁶ “But we must always bear in mind that Mickle was assisted, and liberally assisted, by various members of the Johnsonian circle, the Oxford Colleges, the East India Company, and the Portuguese colony in London. Hoole, Boswell, Goldsmith, and even Johnson himself, contributed to the work in one way or another. Crowe supplied many of the notes, Magellan state-papers and information relating to Portuguese history. *In toto*, Mickle's *Lusiad* was as much the unconscious synthesis of a whole generation as the erudite thesis of one individual.”

⁷ Em 1779 Mickle ampliou essa parte da introdução e publicou-a como uma obra em separado, com o título *A candid examination of the reasons for depriving the East-India Company of its charter, contained in “The history and management of the East-India Company, from its commencement to the present time”*.

ver um poema épico, particularmente deles próprios, em inglês, o encorajou muito ao prosseguimento deste laborioso trabalho.⁸

Ao falar em “particularmente deles próprios” (“particularly their own”) Mickle provavelmente se refere ao assunto do poema, relacionado à conquista das Índias. De qualquer forma, essa expressão denota uma espécie de apropriação do poema de Camões executada por Mickle em nome da Companhia das Índias Orientais.

Mickle (1776, p. cliii, tradução nossa) prossegue, agradecendo a outro cavalheiro da Companhia das Índias por ajudá-lo a “elucidar o seu autor”:

A Thomas Pearson, Esq, da Companhia das Índias Orientais, ele deve a assistência de alguns historiadores portugueses e outros livros que lhe possibilitaram elucidar o seu autor. A esse cavalheiro ele deve também o agradecimento por uma numerosa lista de assinantes.⁹

A influência das relações de patronagem na obra de Mickle volta a merecer destaque após a tradução de *Os Lusíadas*, quando, em visita a Lisboa, entre 1779 e 1780, Mickle recebeu o apoio da nobreza de Portugal, em especial do D. João de Bragança, Duque de Lafões. Graças à boa acolhida da nobreza lusitana, Mickle tornou-se membro da Academia Real de Ciências de Lisboa (recém-fundada por D. João de Bragança) e compôs o poema “Almada Hill”, uma homenagem nostálgica à ajuda dos soldados do Duque de Gloucester a D. Afonso Henriques quando da tomada de Lisboa aos mouros, considerado por Mickle como um “suplemento” à sua tradução de *Os Lusíadas* (TAYLOR, 1937, p. 36, p. 154).

Todos os exemplos mencionados acima mostram que as relações de patronagem estavam profundamente imbricadas na vida e na obra de Mickle. Os conselhos de um mentor literário (Lyttelton) ajudaram a moldar sua poesia; o sistema de publicação da tradução de *Os Lusíadas* por assinatura colocou essa obra sob a nítida influência de vários patronos, inclusive a Companhia das Índias Orientais; a boa acolhida da nobreza lusitana rendeu prestígio a Mickle e talvez o tenha levado a compor “Almada Hill”.

4. EXEMPLOS DAS MODIFICAÇÕES EFETUADAS POR MICKLE

4.1. Canto I, estrofe 1

Já na tradução da primeira estrofe fica evidente que não há uma tentativa, por parte de Mickle, de reproduzir a estrutura do poema: a oitava rima do original (*abababcc*) é

⁸ “To the Gentlemen of the East India Company, who are his Subscribers, the Translator offers his singular thanks; and with pleasure he assures them, that their desire to see an Epic Poem, particularly their own, in English, greatly encouraged him in the prosecution of his laborious work.” (Tradução nossa, propositalmente literal..)

substituída por dísticos heroicos (*heroic couplets*), a forma preferida pelos mais célebres tradutores da época, como Dryden e Pope, para a tradução de poemas épicos. Os decassílabos heroicos do original são transformados em pentâmetros iâmbicos, também seguindo a tradição da época entre os britânicos.

Original (I, 1)	Tradução (1776, p. 1-2)
As armas e os Barões assinalados	ARMS and the Heroes, who from Lisbon's shore,
Que da Ocidental praia Lusitana	Thro' Seas where sail was never spread before,
Por mares nunca de antes navegados	Beyond where Ceylon lifts her spicy breast,
Passaram ainda além da Taprobana,	And waves her woods above the watery waste,
Em perigos e guerras esforçados	With prowess more than human forc'd their way
Mais do que prometia a força humana,	To the fair kingdoms of the rising day:
E entre gente remota edificaram	What wars they wag'd, what seas, what dangers past,
Novo Reino, que tanto sublimaram;	What glorious Empire crown'd their toils at last,

Como exemplo, na tradução dessa estrofe, de acréscimo de conteúdos sem correspondência no original, podemos citar o trecho “lifts her spicy breast / And waves her woods above the wat'ry waste”¹⁰. O acréscimo de “lifts her spicy breast” é atribuído por alguns autores (RAMOS; LOUSADA, 1992, p. 48; FERREIRA, 1992a, p. 74) à tendência de Mickle a enfatizar o objetivo comercial associado à viagem de Vasco da Gama e à descoberta do caminho marítimo para a Índia (as “especiarias”). Ademais, essa expressão, junto com o verso seguinte (“And waves her woods above the wat'ry waste”), é um dos inúmeros exemplos na tradução de Mickle do uso da natureza para emoldurar cenas ou personificar sensações e sentimentos. Falaremos mais a respeito do uso da natureza por Mickle em alguns dos próximos exemplos.

4.2. Canto I, estrofe 3

Destacamos essa estrofe para ressaltar uma alteração fundamental introduzida por Mickle: Vasco da Gama é o herói da tradução (“A nobler hero's deeds demand my lays / Than e'er adorn'd the song of ancient days, / Illustrious GAMA, whom the waves obey'd, / And whose dread sword the fate of empire sway'd.”¹¹), diferentemente do que acontece

⁹ “To Thomas Pearson, Esq; of the East India Company's Service, he owes the assistance of some Portuguese Historians and other books, which have enabled him to elucidate his author. To this Gentleman he also owes the acknowledgement for a numerous list of Subscribers.”

¹⁰ Nossa tradução: “ergue o seu peito perfumado [por especiarias] / E ondula seus bosques sobre a vastidão das águas”

¹¹ “Exigem meus cantos as façanhas de um herói mais nobre / Do que os outros que adornaram o canto dos dias de outrora / O Ilustre GAMA, a quem as ondas obedeciam / E cuja espada temida influenciou o destino do império.” (Tradução nossa; versalete do original).

no poema de Camões, em que o herói é o povo português (“Que eu canto o peito ilustre Lusitano”).

Original (I, 3)	Tradução (1776, p. 3-4)
Cessem do sábio Grego e do Troiano	Let Fame with wonder name the Greek no more,
As navegações grandes que fizeram;	What lands he saw, what toils at sea he bore;
Cale-se de Alexandro e de Trajano	Nor more the Trojan's wandering voyage boast,
A fama das vitórias que tiveram;	What storms he brav'd, how driven on many a coast:
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,	No more let Rome exult in Trajan's name,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.	Nor Eastern conquests Ammon's pride proclaim;
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,	A nobler hero's deeds demand my lays
Que outro valor mais alto se alevanta.	Than e'er adorn'd the song of ancient days,
	Illustrious GAMA, whom the waves obey'd,
	And whose dread sword the fate of empire sway'd.

A decisão de Mickle de se concentrar em Vasco da Gama se explica pelo fato de que este simbolizava muito bem os ideais de expansão marítima e comercial. Além disso, segundo a maioria dos teóricos neoclássicos, os padrões do gênero exigiam que um poema épico tivesse apenas um herói. Assim, do início ao fim de sua tradução, Mickle se empenhou em destacar e enaltecer a figura de Vasco da Gama.

4.3. Canto I, estrofe 55

Na estrofe 55 do Canto I encontramos outro exemplo do acréscimo de versos sem correspondência no original. Nesse ponto da narrativa, os portugueses estão na ilha de Moçambique, onde foram acolhidos por muçulmanos que lhes prometeram mantimentos e um piloto que os levasse à Índia.

Original (I, 55)	Tradução (1776, p. 22-23)
“E já que de tão longe navegais, Buscando o Indo Idaspe e terra ardente, Piloto aqui tereis, por quem sejais Guiados pelas ondas sàbiamente. Também será bem feito que tenhais Da terra algum refresco, e que o Regente Que esta terra governa, que vos veja E do mais necessário vos proveja.”	If then your sails for India's shore expand, For sultry Ganges or Hydaspes' strand, Here shall you find a pilot skill'd to guide Through all the dangers of the per'lous tide, Though wide-spread shelves, and cruel rocks unseen, Lurk in the way, and whirlpools rage between. Accept, mean while, what fruits these islands hold, And to the Regent let your wish be told. Then may your mates the needful stores provide, And all your various wants be here supplied.

A tradução apresenta muitas diferenças com relação ao original, mas gostaríamos de chamar a atenção apenas para o acréscimo destes três versos: “Through all the dangers of the per'lous tide, / Though wide-spread shelves, and cruel rocks unseen, / Lurk in the way, and whirlpools rage between.”¹²

Aqui a natureza (“tide”, “shelves”, “rocks”, “whirlpools”) é utilizada para enfatizar os perigos enfrentados pelos portugueses: “dangers”, “per'lous”, “cruel”, “unseen”, “lurk”, “rage”. Não estamos mais diante da natureza clássica, harmônica e ordenada, que pode ser alcançada e dominada por meio da razão (“Piloto aqui tereis, por quem sejais / Guiados pelas ondas sabiamente.”) A natureza de Mickle está ligada aos sentidos, sensações e sentimentos. Vejamos mais um exemplo.

4.4. Canto IX, estrofe 57

Na tradução da estrofe 57 do Canto IX, Mickle mostra sua predileção pela natureza e pelo exotismo por meio de expressões e imagens de inspiração romântica. Note-se a adição de elementos sinestésicos; além da adjetivação que acentua impressões sensoriais e emocionais associadas à natureza (*wild forest trees; romantic shade; verdant; fragrant cedar; whispering pine; wild grottoes*), o tradutor efetua uma amplificação, acrescentando vários versos:

¹² “Por todos os riscos da maré perigosa, / Embora extensos recifes, e cruéis rochedos invisíveis, / Espreitem no caminho, e redemoinhos os assolem.” (Tradução nossa.)

Original (IX, 57)	Tradução (1776, p. 388-389)
As árvores agrestes, que os outeiros	Wild forest-trees the mountain sides array'd
Têm com frondente coma enobrecidos,	With curling foliage and romantic shade:
Álemos são de Alcides, e os loureiros	Here spreads the poplar, to Alcides dear;
Do louro Deus amados e queridos;	And dear to Phœbus, ever verdant here,
Mirtos de Citereia, cos pinheiros	The laurel joins the bowers for ever green,
De Cibele, por outro amor vencidos;	The myrtle bowers below'd of beauty's queen.
Está apontando o agudo cipariso	To Jove the oak his wide-spread branches rears;
Pera onde é posto o etéreo Paraíso.	And high to heaven the fragrant cedar bears;
	Where through the glades appear the cavern'd rocks,
	The lofty pine-tree waves her sable locks;
	Sacred to Cybelle the whispering pine
	Loves the wild grottoes where the white cliffs shine;
	Here towers the cypress, preacher to the wise,
	Less'ning from earth her spiral honours rise,
	Till, as a spear-point rear'd, at the topmost spray;
	Points to the Eden of eternal day.

O esforço de Mickle por harmonizar a natureza com os sentimentos é uma das razões pelas quais Taylor (1937, p. 169) considera-o um escritor mais romântico do que neoclássico — embora Mickle conserve certas características neoclássicas, como a adoção dos dísticos heroicos em poesias épicas.

4.5. Canto VIII, estrofe 37

Além de Vasco da Gama, outro herói português a quem Mickle reverencia é o infante D. Henrique, que, diz Mickle (1776, p. xiii) na Introdução à tradução de *Os Lusíadas*, “nasceu para libertar a humanidade do sistema feudal e dar a todo o mundo todas as vantagens, todas as luzes que poderiam ser difundidas pelo intercâmbio do comércio ilimitado”¹³; o “gênio” que teria dado origem ao espírito da descoberta moderna. Para exaltar ainda mais a figura de D. Henrique, Mickle inverteu as estrofes 37 e 38 do Canto VIII do original, para encerrar a galeria de personagens no relato de Paulo da Gama ao catual com D. Henrique e não, como no original, com D. Pedro de Menezes e D. Duarte de Menezes. Além disso, inseriu 16 versos na tradução da estrofe 37. Ao glorificar D. Henrique, Mickle ecoa a ideologia britânica de exaltação do comércio e das políticas expansionistas e, ao

mesmo tempo, atende a seus próprios interesses de agradar à Companhia das Índias Orientais.

Original (VIII, 37)	Tradução (1776, p.335-338)
<p>Olha cá dous Infantes, Pedro e Henrique, Progénie generosa de Joane; Aquele faz que fama ilustre fique Dele em Germânia, com que a morte engane; Este, que ela nos mares o publique Por seu descobridor, e desengane De Ceita a Maura tímida vaidade, Primeiro entrando as portas da cidade.</p>	<p>Illustrious, lo, two brother-heroes shine, Their birth, their deeds, adorn the royal line; To every king of princely Europe known, In every court the gallant Pedro shone. The glorious Henry--kindling at his name Behold my sailors' eyes all sparkle flame! Henry the chief, who first, by heaven inspired, To deeds unknown before, the sailor fired, The conscious sailor left the sight of shore, And dared new oceans, never ploughed before. The various wealth of every distant land He bade his fleets explore, his fleets command. The ocean's great discoverer he shines; Nor less his honours in the martial lines: The painted flag the cloud-wrapt siege displays, There Ceuta's rocking wall its trust betrays. Black yawns the breach; the point of many a spear Gleams through the smoke; loud shouts astound the ear. Whose step first trod the dreadful pass? Whose sword Hew'd its dark way, first with the foe begor'd? 'Twas thine, O glorious Henry, first to dare The dreadful pass, and thine to close the war. Taught by his might, and humbled in her gore The boastful pride of Afric tower'd no more.</p>

As qualidades elogiadas por Mickle em D. Henrique nesse trecho são o “espírito de descoberta” e que poderíamos interpretar como o impulso à política expansionista (“the chief, who first, by heaven inspired, / To deeds unknown before, the sailor fired”;¹³ “And dared new oceans, never ploughed before”¹⁵); a promoção do comércio (“The

¹³ “[...] born to set mankind free from the feudal system, and to give to the whole world every advantage, every light that may possibly be diffused by the intercourse of unlimited commerce”. (Tradução nossa.)

¹⁴ “O líder que, pela primeira vez, inspirado pelo céu / Incitou o(s) marinheiro(s) a façanhas antes desconhecidas.” (Tradução nossa.)

¹⁵ “E aventurou-se por novos Oceanos, nunca antes singrados.” (Tradução nossa.)

various wealth of every distant land / He bade his fleets explore"¹⁶); a coragem guerreira ("Nor less his honours in the martial lines"¹⁷; "first to dare the dreadful pass"¹⁸) e também a fama e o reconhecimento por parte dos portugueses ("kindling at his name / Behold my sailors' eyes all sparkle flame!"¹⁹). Os dois últimos versos da tradução chamam atenção pelo tom imperialista: "Taught by his might, and humbled in her gore / The boastful pride of Afric tower'd no more".²⁰ É verdade que o tom imperialista já estava, de certa forma, na frase do original "e desengane / De Ceita a maura tímida vaidade". O imperialismo camonianiano, no entanto, remete às guerras religiosas da Reconquista, enquanto o de Mickle – inclusive ao usar o termo mais geral, "Afric", em lugar de "Ceuta" – evoca implicitamente o imperialismo britânico nascente.

4.6. Final do Canto VIII e início do Canto IX

Para finalizar, citaremos aquele que talvez seja o maior "escândalo" da tradução de Mickle de *Os Lusíadas* – um exemplo que contém omissões, contrações e amplificações. No final do Canto VIII, Mickle suprimiu entre 22 e 24 estrofes e acrescentou 69 versos, sendo 15 reaproveitados (em contexto diferente) das estrofes suprimidas e 54 inteiramente de sua criação; no início do Canto IX, Mickle eliminou entre 9 e 17 estrofes e adicionou mais de 300 versos. (A dificuldade em calcular o total de estrofes eliminadas se deve ao fato de que Mickle reaproveitou partes de estrofes do original, mas em um contexto diferente.) Todas essas alterações foram feitas para reescrever a narrativa do original sobre o episódio da disputa entre Vasco da Gama e o samorim de Calecute. Vejamos, então, quais são as diferentes histórias contadas por original e tradução (FERREIRA, 1992b, p. 78; SOUTHEY, 1822, p. 32; TAYLOR, 1937, p. 162).

No original, Camões procura, aparentemente, seguir as fontes históricas: o samorim de Calecute impediu os portugueses de voltarem para suas naus com as mercadorias que haviam obtido por meio de trocas com os comerciantes locais. Em represália, Vasco da Gama mandou aprisionar alguns comerciantes de Calecute que chegaram às suas naus para vender pedras preciosas. Com isso, obteve um acordo, pelo qual os portugueses seriam autorizados a voltar às suas naus e Vasco da Gama libertaria os prisioneiros. Os portugueses voltaram, de fato, às naus, mas o Gama não libertou todos os comerciantes: levou alguns consigo como prisioneiros, descumprindo o acordo.

¹⁶ "As várias riquezas de todas as terras distantes / Ele ordenou que suas frotas explorassem." (Tradução nossa.)

¹⁷ "Não são menores as suas honras nas fileiras marciais." (Tradução nossa.)

¹⁸ "o primeiro a ousar a temível passagem" (Tradução nossa.)

¹⁹ "Inflamando-se diante do nome dele / Vede como os olhos de meus marinheiros brilham, faiscantes." (Tradução nossa.)

²⁰ "Ensinado por sua força, e humilhado em seu sangue / O orgulho arrogante da África nunca mais se elevou." (Tradução nossa.)

A história contada por Mickle é diferente: Vasco da Gama foi feito prisioneiro do samorim de Calecute, que exigia que as naus dos portugueses aportassem e se entregassem. Vasco da Gama rejeitou terminantemente. Em reação, o samorim mandou atacar as naus portuguesas. Na batalha que se seguiu, houve uma violenta tempestade, e toda a frota do samorim foi destruída. Os portugueses bombardearam Calecute, e o samorim pediu rendição.

Para explicar essas alterações introduzidas por Mickle é preciso lembrar o que dissemos acima: Vasco da Gama é o herói da tradução de Mickle. E os padrões neoclássicos exigiam que o herói épico fosse magnífico, de virtude impecável. No episódio da disputa entre Gama e o samorim, Mickle precisou alterar radicalmente o original para que a imagem de seu herói não ficasse conspurcada. Afinal, fazer uma barganha com o inimigo e depois não manter a palavra não são gestos heroicos ou dignificantes... Era necessário, portanto, elevar a figura de seu herói para que se adequasse aos padrões atribuídos ao gênero épico no século XVIII.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos dados e exemplos fornecidos, percebe-se que Mickle efetuou várias modificações no épico camoniano a fim de adaptá-lo à Grã-Bretanha do final do século XVIII. Ao utilizar sua tradução e os elementos paratextuais que a acompanham para exaltar o comércio, a exploração marítima e, mais especificamente, o trabalho da Companhia das Índias Orientais – que contribuiu com vários patrocinadores para a publicação dessa tradução –, Mickle transforma *Os lusíadas* em “Epopéia do Comércio” a serviço do Império Britânico.

REFERÊNCIAS

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. Prefácio e Notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros. Instituto Camões, 2000.

_____. **The Lusiad**; or, the discovery of India. Translated by William Julius Mickle. London, Oxford: Jackson and Lister, 1776.

_____. **The Lusiad**; or, the discovery of India. Translated by William Julius Mickle. London, Oxford: Jackson and Lister, 1778, 2nd edition.

ESTORNINHO, Carlos. O culto de Camões em Inglaterra. **Arquivo de Bibliografia Portuguesa**, Coimbra, 6, 1960, p. 152-169.

FERREIRA, Isabel Simões. Apontamento biográfico relativo aos tradutores de *Os lusíadas*. In: SOUZA, Maria Leonor Machado de (coord.). **Camões em Inglaterra**. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992a, p. 64-69.

_____. Uma leitura de *Os lusíadas*: William Julius Mickle. In: SOUZA, Maria Leonor Machado de (coord.). **Camões em Inglaterra**. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992b, p. 70-95.

HAYES, Julie. From the Academy to Port-Royal. **Translation, subjectivity and culture in France and England, 1600-1800**. Stanford, CA: Stanford University Press, 2009.

IRELAND, John. Life of the Author. In: MICKLE, W. J. **Poems and a Tragedy**. London: Printed by A. Paris for J. Egerton et al, 1794, p. xi-lii.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: EDUSC, 2007.

_____. **Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame**. London and New York. Routledge, 1992.

MICKLE, William Julius. Introduction and Dissertation On the Machinery of Tasso's *Jerusalem*, and Voltaire's *Henriade*. In: CAMÕES, L. **The Lusiad**; or, the discovery of India. An epic poem. Translated by William Julius Mickle. London, Oxford: Jackson and Lister, 1776, p. i-clxvii.

_____. Introduction, dissertations, and appendix. In: CAMÕES, L. **The Lusiad**; or, the discovery of India. Translated by William Julius Mickle. London, Oxford: Jackson and Lister, 1778, p. i-cxxxvi, 2nd edition.

RAMOS, Iolanda F.; LOUSADA, Isabel C. Traduções de *Os lusíadas* em Inglaterra. In: SOUZA, Maria Leonor Machado de (coord.). **Camões em Inglaterra**. Lisboa: Ministério da Educação / Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992, p. 9-63.

SHER, Richard B. **The Enlightenment & the Book: Scottish Authors & Their Publishers in Eighteenth-Century Britain, Ireland, & America**. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

SOUTHEY, Robert. Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens. By John Adamson F. S. A. **The Quarterly Review**, v.XXVII, n.LIII, London, John Murray, April 1822, p. 1-39.

TAYLOR, Sister Eustace. **William Julius Mickle (1734-1788): A Critical Study**. Washington, D.C.: Catholic University of America, 1937.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility**. London and New York: Routledge, 1995.

WEST, George. The work of W. J. Mickle, the first Anglo-Portuguese scholar. **The Review of English Studies**, v.10, n.40, p.385-400, out. 1934.

Claudia Santana Martins

Mestre em Estudos Linguísticos e Literários e Doutoranda em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Área de atuação principal: Tradução (inglês/português e francês/português), Estudos da Tradução e Linguística Aplicada.